

JORNAL: Leitura LOCAL: Guarulhos

DATA: 112 14961 AUTOR: Marc Berkowitz

TÍTULO: Os Brasileiros na Bienal.

ASSUNTO: VI Bienal críticas e elogios. Ivan foi  
elogiado.

artes plásticas

Dezembro de 1961

MARC BERKOWITZ

## Os brasileiros na Bienal

Uma terceira visita à Bienal — desta vez com mais tempo disponível — permitiu uma melhor tomada de contato com as obras expostas na grande mostra. Ficou claro, sobretudo, e já pela sexta vez, o quanto devemos ao mecenato esclarecido e abnegado de Cicillo Matarazzo. Apesar de todos os erros que forçosamente são cometidos numa exposição desta envergadura, e apesar da premiação por vezes desastrosa, a Bienal de São Paulo é uma realidade, e espero que daqui há dois anos, ainda sob a égide de Cicillo Matarazzo, mas sob uma orientação artística mais esclarecida e menos tendenciosa, ela possa contribuir ainda mais para o desenvolvimento das artes plásticas no Brasil.

E é justamente dos brasileiros nesta VI Bienal que quero falar. Em primeiro lugar não resta mais a menor dúvida que a arte brasileira já pode deixar para trás seus complexos de inferioridade. O nível geral do pavilhão brasileiro não é inferior ao das outras nações, sendo superior a todas elas no campo das artes gráficas. Faltam ao Brasil os grandes nomes, as grandes personalidades da pintura e da escultura. Mas considerando o espaço tão curto de tempo que nos separa de uma arte acadêmica sem nenhum interesse, considerando a nossa falta de tradição, podemos dizer com orgulho que o pavilhão do Brasil é um dos bons e um dos mais vitais pavilhões da Bienal. Não faltam nele os falsos valores, alguns dos quais foram até protegidos e premiados. Mas não acredito que estes prêmios tenham contribuído com algo de positivo ao desenvolvimento dos premiados em questão — porque no fundo o artista

(Continuação da página anterior)

duradoras, nas quais o sexo não seja um ópio mas sim uma razão a mais para a vida. *A Aventura*, é um filme de ação retardada, onde, mais do que a trama, que evita friamente todos os cânones da dramaturgia tradicional, interessa a cuidadosa análise psicológica das personagens e sua exata integração no ambiente, apresentado com fartura de pormenores. *A Aventura* é, enfim, mais uma prova de que não há limites para o cinema, de que esta arte tão vilipendiada e rebaixada está atravessando — com os italianos Antonioni e Fellini e Visconti, os franceses Resnais e Godard e Truffaut, os japoneses Oshima e Kobayashi e Curosawa, e tantos outros em diversos países — a fase mais brilhante de sua curta trajetória.



«Cicillo» Matarazzo, o idealizador e mecenas da Bienal

sabe muito bem quando ganha o prêmio por merecimento, e quando o ganha por outras razões.

No catálogo geral da Bienal, na introdução, há o seguinte trecho à respeito das salas especiais dos artistas brasileiros premiados nas Bienais anteriores: "Através dessas salas, pode-se avaliar bem da obra desses artistas, de seu início e de sua evolução, de sua posição atual no conjunto da situação. É no exame dessas mostras, seguidas pela sala geral dos brasileiros, que melhor se poderá apreciar o balanço das Bienais passadas, do acerto de suas distinções, dos efeitos que por acaso tiveram sobre a evolução da arte no Brasil. Do exposto se verá se o saldo foi positivo. É nossa convicção que foi." Não há dúvida. O saldo geral foi positivo. Mas não para todos os artistas das salas especiais — sendo que nem todos os artistas que receberam grandes prêmios em Bienais anteriores delas participaram. Faltaram Bruno Giorgi, Di Cavalcanti, Maria Martins, etc. Danilo di Pretto, que ganhou o Prêmio de Pintura na I Bienal, com os seus tão discutidos "Limões", foi um dos que melhor se saíram. Apresentando poucos trabalhos antigos, ele exhibe quase trinta telas recentes, todas pertencentes a uma corrente do expressionismo abstrato encontrado em todas as partes do mundo, mas todas bem realizadas, e compostas, ricas de matéria e de cor, ainda que nem sempre de conteúdo. Alfredo Volpi, um dos pintores mais cotados e queridos, deveria ter exposto um número muito menor de trabalhos, dando maior solidez à sua mostra. Não há dúvida que os trabalhos de uma época mais recente são os que mais interessam, mas



JORNAL: Leitura LOCAL: Quamabara

DATA: 112 1961 AUTOR: Marc Berkowitz

TÍTULO: Os Brasileiros na Bienal.

ASSUNTO: VI Bienal críticas e elogios. Ivan foi  
elogiado.



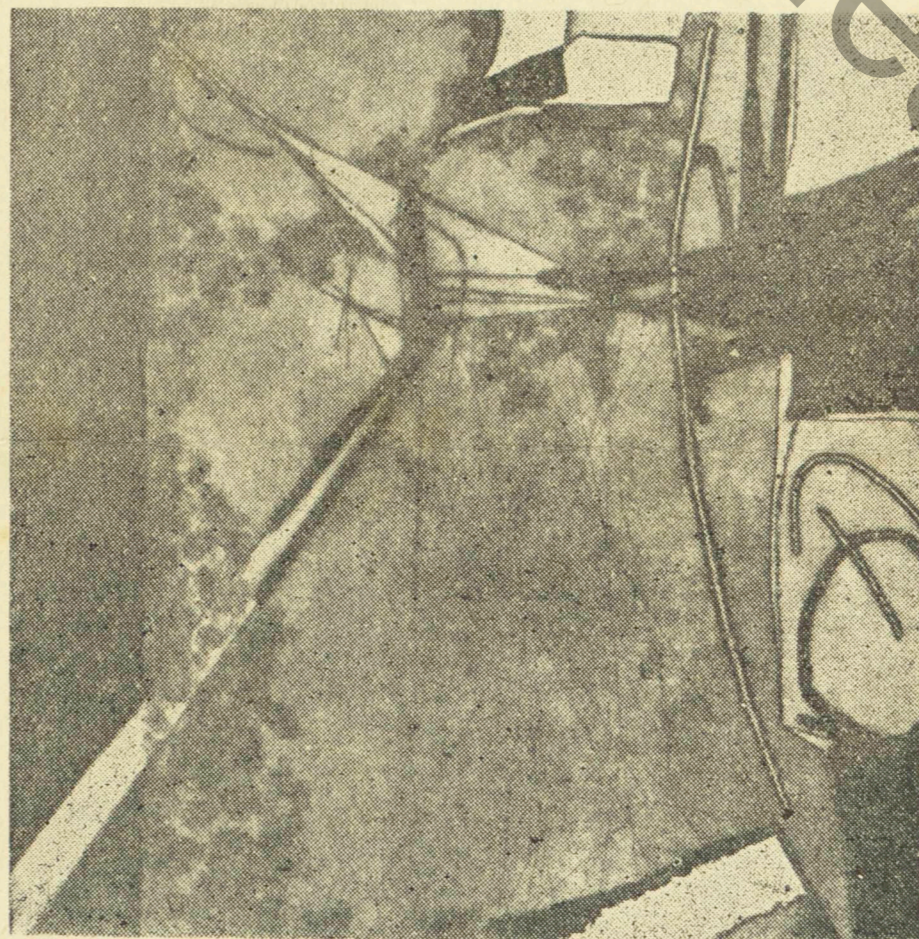
Profeta — Manabu Mabe

dêses apenas as fachadas e os santos — sendo que as composições concretizantes, em sua maioria pertencentes ao Sr. T. Spanudis, são de uma absoluta falta de qualidade e imaginação. A poesia e a feitura límpida dos outros trabalhos se transforma em aridez sem imaginação e sem vida. No pavilhão de Milton Dacosta, um dos artistas mais sérios do Brasil, ou pessoalmente teria preferido ver um número menor de trabalhos, escolhidos com maior severidade. Se em vez de quase cinquenta obras Dacosta tivesse exposto umas trinta, o resultado teria certamente sido melhor. Após as diversas retrospectivas — infelizmente póstumas — que tivemos da obra de Goeldi, tanto no Rio como em São Paulo, teria sido melhor apresentar uma mostra mais compacta. Achei algo triste a sala especial de Lívio Abramo. Um artista que tinha a capacidade de dar muito, mas que na realidade nunca se realizou. Os apontamentos, as pequenas gravuras, tentam encobrir a falta de conteúdo da sala, os trabalhos mais recentes — que mesmo assim datam de 1959 — são inferiores aos trabalhos de 1950 à 1956. Ao todo, esta sala revela mais fraquezas que qualidades do artista. O mesmo, mas em proporção muito maior, ocorre com as saias de Caribé, Arnaldo Pedroso d'Horta e Aldemir Martins. São artistas que, obviamente, não mereceram as suas salas especiais e tem-se a impressão que os responsáveis pelos convites fizeram o papel do "amigo da onça". As melhores salas são sem dúvida as de Fayga Ostrower e de Marcelo Grassmann. O último apresenta apenas vinte trabalhos, mas de uma tal força de imaginação e de execução, uma tal unidade de pensamento, que o espectador mergulha completamente no mundo demoníaco e terrível do artista. Fayga Ostrower nunca permite que se duvide de sua grande classe de gravadora. Prefiro as suas gravuras em metal, mais compactas em sua composição, mais ricas de conteúdo. As xilogravuras são mais frouxas, os seus elementos mais dispersos,

aproximando-se por vèzes da estampagem, em parte por causa de suas côres algo amáveis. Mas das salas especiais, apenas as de Ostrower, Grassmann, Goeldi, Dacosta e Di Preto — e apenas em parte Volpi — permitiram vislumbrar as verdadeiras e grandes qualidades dos expositores.

O fator mais negativo da sala geral do Brasil, além de algumas falhas óbvias no trabalho do júri de seleção, foi a instituição da isenção de júri, permitindo a muitos artistas sumamente medíocres com um número enorme de trabalhos, criando, entre outros, o problema da falta de espaço, prejudicando assim muitos artistas que mereciam uma colocação melhor. Outro fator negativo foi a fragmentação exagerada do envio de alguns artistas, criando uma impressão de confusão na sala. Já é tempo de incluir no regulamento uma cláusula criando um número mínimo de trabalhos que deverá ser aceito pelo júri de seleção — p. ex. três pintura ou esculturas, e cinco gravuras ou desenhos. Assim não teríamos mais os trabalhos isolados que parece que foram aceitos por caridade, e espero que algum dia teremos um júri de seleção que não aceite quadros com botões pregados e florzinhas secas, que beiram ao ridículo, ou mediocridades absolutas como as de Olímpio de Araújo, Carlos Magano, visões tecnicoloridas de Aloísio Carvão, Valdemar Cordeiro, Tereza Nicolao e outros, ou o pseudo-primitivismo de Ivão de Moraes, Elisa Martins, etc. Estes, naturalmente, são apenas alguns exemplos, há muito mais. E já foi suficientemente discutido outro aspecto negativo, o das premiações. No fundo, os injustamente premiados serão as maiores vítimas — basta ver os casos de Lygia Clark, Isabel Pons, Anatol Wladislaw, etc.

Felizmente são os próprios artistas brasileiros que redimem os muitos erros cometidos pelo júri de premiação. A começar por Iberê Camargo, um dos poucos que mereceram o prêmio, com suas telas de textura pastosa, as côres sombrias, os carretéis se transformando em retângulos, como se tivessem sido captados em mo-



Gravura nº 34 — Roberto de Lamônica



JORNAL: Leitura LOCAL: Quamabara

DATA: 112 1964 AUTOR: Marc Berkowitz

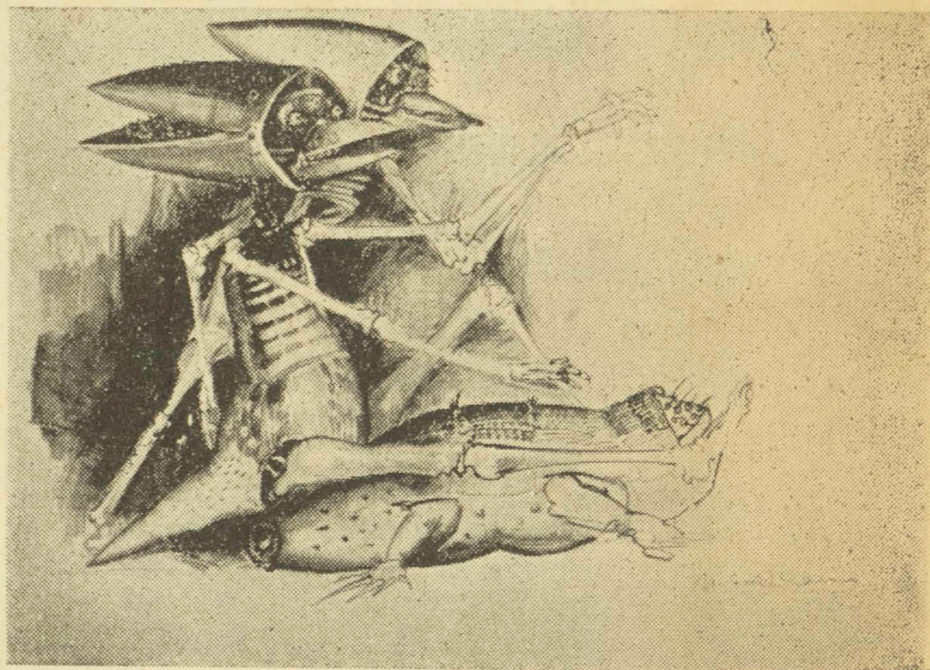
TÍTULO: Os Brasileiros na Bienal.

ASSUNTO: VI Bienal críticas e elogios. Ivan foi  
elogiado.

vimento. É uma pintura em profundidade, com uma dinâmica que continua além da tela. Ivan Serpa é outro pintor excelente da Bienal, pintando com um temperamento que esteve contido durante os anos de sua experiência concretista, e que agora explode em obras fortes, monumentais, magnificamente realizadas. Manabu Mabe tem algumas telas de boa qualidade, mas com certos sinais de precipitação; deviam ter sido mais pensadas e mais trabalhadas. Mas mesmo assim não desmerecem a grande fama do pintor. Tomio Ohtake, o outro grande talento japonês de São Paulo, se exprime através de trabalhos de grande refinamento, nos quais se sente uma procura constante de rimos por assim dizer subterrâneos essenciais, que em algumas das telas ela consegue vir à superfície. Tomie Ohtake é um dos grandes talentos que vêm surgindo. Há os trabalhos de Arcângelo Ianelli, ainda em sua fase escura, já superada, com formas sólidas, bem distribuídas, com texturas tecnicamente muito bem realizadas. Antônio Bandeira não se apresenta bem nesta Bienal. São trabalhos superficiais, decorativos, incrustados com contas que não se integram. Entre as contribuições concretas sobressaem os trabalhos delicados e bastante líricos de Décio Vieira, e os pretos e brancos solidamente estruturados de Hércules Bar-sotti. Frank Schaeffer está com gouaches de excelente acabamento técnico, mas às quais falta um maior espírito de procura, talvez mesmo de ansiedade. Bons estudos de cores as duas telas de Paulo Chaves. Bastante bem representados estão também Fukrushima, que está adquirindo uma personalidade artística cada vez maior; Thomas Ianelli com a sua pintura de um lirismo singelo e pessoal; Henrique Boose, de quem conheço trabalhos melhores, mas indubitavelmente um mestre; Mauro Francini, com trabalhos de grande força; Frans Krajb-berg, em sua fase de pesquisa, curiosa e séria; Maria Leontina, em início de fase, com cores vibrantes, mas ainda tateando. Há muito mais, de maior ou menor interesse, todos fazendo a sua contribuição de acordo com as suas possibilidades.

Dos escultores, são não realidade apenas quatro nomes que merecem ser mencionados: Giuliano Vangi, Mário Cravo, Felícia Leirner e Amílcar de Castro — e talvez, com alguma boa vontade, Francisco Stockinger. Vangi, radicado há pouco no Brasil, contribui com esculturas de excelente feitura, dominando os problemas inerentes ao material que usa, que é o ferro, e os problemas estéticos da relação das formas com o espaço. Cravo se apresenta desta vez dando plena expansão à sua fantasia, que se alia à grandes conhecimentos técnicos. Felícia Leirner mostra cinco obras fundidas em bronze, que deixam transparecer a sua personalidade cada vez mais forte e ao mesmo tempo mais disciplinada. Amílcar de Castro, sem ser feliz com seus trabalhos da Bienal, não nega sua condição de escultor de talento. O Brasil é obviamente um país pobre em escultura verdadeira. Dizem alguns que a arquitetura brasileira, tão desenvolvida, tomou o seu lugar.

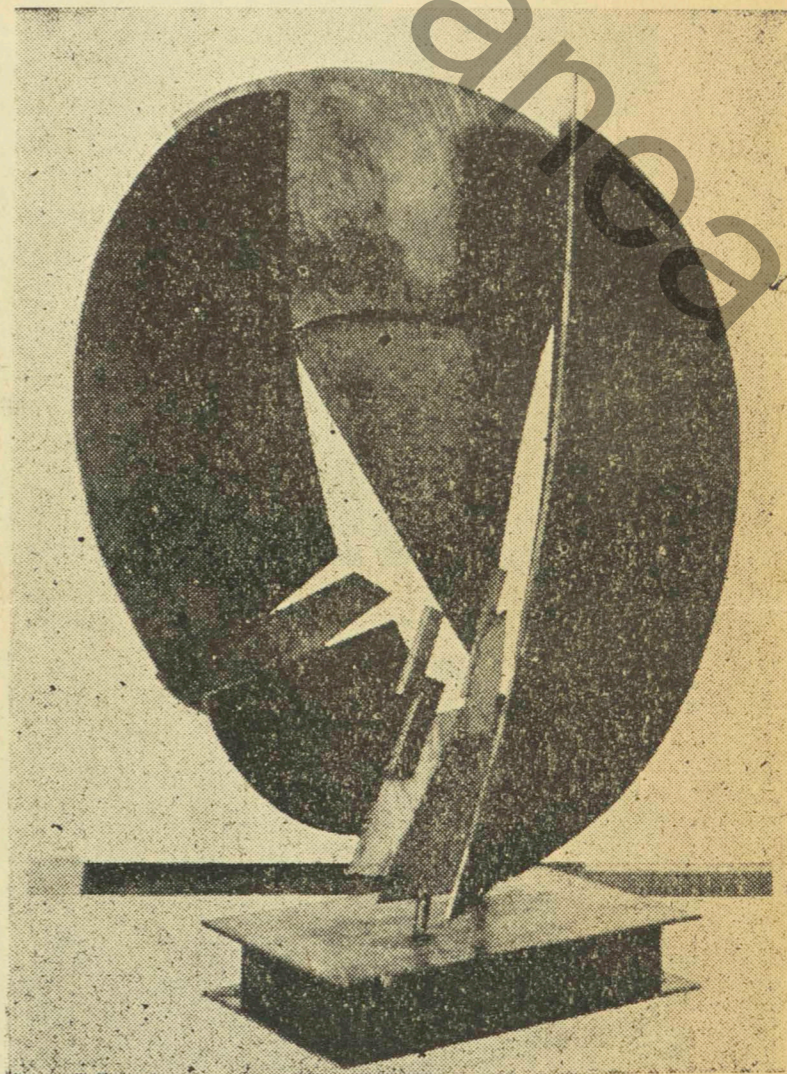
Em compensação não faltam os bons desenhistas. Basta ver os trabalhos Itaio Cencini, tão seguros e sensíveis ao mesmo tempo; de Clara Hetenyi, corajosos em sua imaginação vigorosa; de Fernando Lemos, que continua as suas pesquisas das formas eliptóides; de Luigi Zanotto, desenhista de grande sensibilidade; de Rita Ro-



Desenho de Marcelo Grassmann

senmayer, com as suas figuras simples e monumentais, e Renina Katz, com as paisagens límpidas e serenas. Gostei também dos trabalhos de João K. Suzuki, que via pela primeira vez. Lembrando um pouco os desenhos de Cuevas, não obstante possuem um interesse próprio.

Mas é realmente com a gravura que o Brasil brilha na Bienal, ao começar pela sala especial de Fayga Ostrower, e continuando com gravadores da mesma envergadura, tais como Piza, o premiado da Bienal passado; Roberto De Lamônica, que de acordo com autoridades internacionais é um gravador de alto nível internacional; Edite Behring, com o envio mutilado pelo júri de seleção, mas não renegando a sua grande classe; Rossini Pérez, cujo conjunto bem realizado; Ana Leticia, que ainda junto de pontas secas é algo monótono, mas não convence plenamente com as suas gravu-



Escultura de Giuliano Vangi